

# Suplemento Cultural

## O regionalismo de José Lins do Rego\*\*

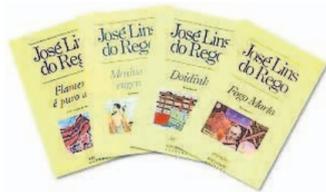
HERMANO MELO\*

É relativamente fácil falar sobre a obra de José Lins do Rego, mesmo para quem não seja experto no assunto ou tenha sido contemporâneo dele. Enquanto ele nasceu no início do século passado – em junho de 1901, mais precisamente – só vim ao mundo em março de 1948.

Não que a minha obra como escritor sequer se aproxime da dele, que possui pelo menos 13 livros publicados, sendo 10 deles romances conhecidos de grande parte da população brasileira, além de artigos, texto avulsos, crônicas, etc. E até mesmo uma obra considerada obra-prima – “Fogo Morto”.

Não que tenhamos sido criados como ele em algum engenho de cana-de-açúcar do Nordeste brasileiro e, dessa forma, conheçamos as alegrias e agruras de viver ali e conhecer personagens magníficos que só ele seria capaz de criar, como o Carlinhos, de Menino de Engenho ou o Vitorino Papa Rabo de Fogo Morto.

Mas é que além de jornalista como ele, fomos pelo menos seu vizinho de nascimento! Enquanto ele nasceu no engenho Corredor, em Pilar, no interior da Paraíba, fizemos o mesmo na cidade vizinha de Sapé, também no Estado do



ALGUNS DOS LIVROS DO ESCRITOR REGIONALISTA JOSÉ LINS DO REGO

mesmo nome. E mais: assim como ele, durante grande parte de nossa infância, fomos hóspedes de férias no sítio de nosso avô e pudemos então entender e praticar grande parte da linguagem utilizada por José Lins em seus livros.

Dessa forma, personagens criadas por ele e quase todo linguajar utilizado em suas obras – especialmente aquelas do chamado ciclo da cana-de-açúcar, em que se incluem Menino de Engenho (1932), Doidinho (1933), Banguê (1934), Usina (1936) e Fogo Morto (1943) – todas carregadas de intenso regionalismo e estilo coloquial de evidente oralidade são ainda hoje muito familiares aos meus ouvidos.

Fica evidente, por exemplo, que Carlinhos – o menino de engenho de José Lins do Rego – representa na verdade todos os meninos que foram criados nos engenhos de cana do Nordeste

brasileiro àquela época ou em sítios imensos existentes ali sob a tutela dos avós paternos ou maternos.

Lembro-me perfeitamente das feiras de sábado em Sapé, Paraíba, quando se formavam filas imensas de crianças acompanhadas dos pais que iam à Casa Grande de meu avô paterno para receber doses homeopáticas “milagrosas” para curar inúmeras doenças que elas apresentavam. Era um momento ímpar acompanhar aquela verdadeira cerimônia de cura, embora se saiba hoje das limitações do tratamento homeopático.

Mas os romances de José Lins do Rego são também o retrato vivo da solidão e da pobreza em que viviam aquelas comunidades brasileiras do Nordeste brasileiro, quando sob comando de alguns coronéis donos de engenhos de cana. Assim, a figura do coronel Lula de Holanda e o tilitar de seu cabriolé ao passar em frente à casa do selador José Amaro, representa muito bem o abismo existente entre as classes dominante e dominada àquela época.

O mesmo pode ser dito dos casos de aparente loucura das personagens de José Lins, dos surtos de bexiga à época, dos casos de asma, da cegueira de Torquato, dos casos de demências em vários de seus personagens, são decerto fruto principalmente da extrema po-

breza em que viviam muitas daquelas comunidades brasileiras nos confins do Nordeste.

Por outro lado, deve-se registrar o lado alegre das personagens de Menino de Engenho e Fogo Morto, no que se refere, por exemplo, a abundância de frutos tropicais que eram pegos pela molecada nos próprios pés de manga, pitomba, cajá, etc., após as chuvas, assim como também dos banhos de água-de, mesmo correndo o risco de contrair doenças como a esquistossomose. Deve-se lembrar ainda das cenas de sexo da criança em vários de seus livros, descritas de forma inocente e ao mesmo tempo jocosa.

Como disse o escritor e crítico literário Fábio Lucas no prefácio de seu livro de memórias “Meus Verdes Anos” (1956): “O ciclo de romances nordestinos de José Lins do Rego, traz como principal aspecto, a proximidade da palavra escrita à expressão oral. Menino de Engenho foi um lançamento afortunado, que sequer a revolução literária paulista conseguiu conter”.

Em um de seus escritos, “Homens, seres e coisas” (1952), José Lins registra a resposta que deu ao lhe perguntarem: “Um escritor pode criar personagens que não sejam tiradas de si mesmo?”. E ele respondeu: “Isso é o mes-

“

‘O ciclo de romances nordestinos de José Lins do Rego traz, como principal aspecto, a proximidade da palavra escrita à expressão oral.’ (Fábio Lucas – escritor e crítico literário)”

mo que perguntar a uma mãe: Poderá a senhora parir o seu filho sem que este filho venha de suas entranhas?”.

Isto significa, portanto, que as personagens dos livros de José Lins do Rego – quaisquer que sejam elas – representam na sua essência facetas de sua própria personalidade e colocadas sob algum tipo de disfarce, quer ele as tenha vivido na realidade ou não. Uma pena que ele se foi tão cedo, morreu com apenas 57 anos de idade, em 12 de setembro de 1957.

\*Professor, escritor, jornalista e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

\*\*Palestra proferida em 26 de março de 2015 durante o Chá Acadêmico na Associação Campo-Grandense de Professores (ACP) em Campo Grande, MS.

## Entrevista com Soares Feitosa, editor do ‘Jornal de Poesia’, o maior site poético do Brasil

POR RUBENIO MARCELO

Membro e secretário-geral da ASL

Aproveitando a visita recente do amigo poeta e advogado cearense Francisco José Soares Feitosa, entrevistei-o, aqui em Campo Grande, abordando assuntos literoculturais e, claro, falando sobre o seu “Jornal de Poesia”, o maior acervo poético em língua portuguesa no país, site ([www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br)) editado por ele há quase duas décadas.

Residente em Fortaleza, Soares Feitosa (como é conhecido) é autor dos livros ‘Réquiem em Sol da Tarde’ e ‘Psi, a Penúltima’. A sua obra traz elogios de nomes como Jorge Amado, Thiago de Mello, Ivan Junqueira, Manoel de Barros e tantos outros. O ícone da crítica literária brasileira, Wilson Martins, assim asseverou acerca da verve de SF: “é um poeta lírico de harmônicas universais, inclusive as sugestões místicas; é também um saudosista, na medida em que são por natureza saudosistas os temas históricos e as evocações sentimentais, inspiração para belos poemas...”. A seguir, alguns trechos da nossa recente entrevista:

**RM** – primeiramente, defina, de forma concisa, o poeta Soares Feitosa.

**SF** – Tenho 71 anos. Vivo em meio aos livros, papeis e letras desde os primeiros dentes. Fui criado dentro de uma sala de aula: minha mãe, mestra-escola de antigamente, tangia uma classe com não sei quantos alunos, da Carta de ABC ao terceiro ano, dentro de casa; era a nossa casa (Vila da Telha, atual Monsenhor Tabosa, Ceará). Depois, aos 13 anos, catapultado direto do sertão para uma pólis grega, a biblioteca do Seminário de Sobral. Haja deslumbramento... uma biblioteca que não tinha tamanho. Incluso um livro de astronomia com algumas deusas gregas, os braços nus e amplo decote às espinhas do adolescente. Ah tempo! Em suma, fui criado nesse ambiente: o prazer de ler, olhar, escutar... perguntar para-dentro.

**RM** – sobre o site *Jornal de Poesia*, qual a sua maior satisfação em mantê-lo?

**SF** – Com os blogs, quando o autor, ele mesmo faz a sua divulgação, o *Jornal de Poesia* perdeu a força de arauto, na frente, gritando bem alto:

Vejam este poeta! E abria oportunidade a todos, principiantes também. Fornei ali um acervo monumental. Os planos hoje giram em torno da divulgação do livro em inteiro teor. Tenho um acervo de quase mil livros de poesia digitalizados, mas só vou colocando à medida em que o autor autoriza, como é o seu caso, poeta Rubenio, quando, recentemente, coloquei o seu belíssimo poema do pai, o Rosto do Pai, do seu livro mais novo, *Veleiros da Essência*.

**RM** – a poesia tem a mesma vez que a prosa no cenário literário brasileiro?

**SF** – Prosa sem poesia é apenas um relatório, uma bula de remédio, uma receita de bolo. Pegue qualquer dos grandes autores, de Euclides da Cunha a Saramago e verá que o texto só aparentemente é prosa, mas poesia, pura poesia, da melhor. O leitor percebe. *Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam/ raivosamente cinco mil soldados...* De Saramago, um dia peguei uma página à toa de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e a coloquei em estrofes, procurando ritmo e batimento. Guimarães Rosa é outro, sou capaz de “ler” o Rosa inteiro pela via poética, de ponta a ponta. Anote aí em definitivo: Não existe prosa. Só existe poesia... Prosa não-poética é relatório.

**RM** – a atual poesia brasileira segue por caminhos fecundos ou por ríspidos descaminhos?

**FS** – Muita enganação por aí. Dos concretos e dos minimalistas. Aforismos e outros bobajais. O pior é a enganação. Não há salvação fora dos clássicos.

**RM** – qual a importância da literatura, especialmente a poesia?

**SF** – A poesia é essencial. Há uma poesia suprema, do sacerdotal, dessa permanente negociação com os deuses, sobretudo com os não-acreditados que, pior, são os mais terríveis. Os textos sagrados (todos!) são de pura poesia. De tão forte poeticidade que a gente nem a percebe.

## A concha e o mar

A concha em minhas mãos me pareceu de repente uma enorme orelha decepada

RAQUEL NAVEIRA

Meu avô guardava na estante de livros, entre flâmulas e troféus, uma estranha relíquia: uma concha rosada, contorcida como um caramujo. Contava ele que, quando viera de Portugal num navio, durante a viagem atirara sal no mar. Por isso é que o mar ficara salgado. Eu, menina pantaneira, que não conhecia nem mar, nem navio, fantasiava os segredos contidos naquele bojo perolado.

Encostava a concha ao ouvido como se fosse um telefone de naufrago. O som do mar era nítido, potente. Eu era capaz de pensar que estava na praia, diante do infinito desabar das ondas, da textura da espuma sugada em bolhas pela areia. De longe, do começo dos tempos, vinham o canto das se-reias, o tremor causado pelo tridente de Netuno revolendo o fundo do mar, os ventos tocando os penhascos, a agonia das estrelas soterradas. Visualizava um cortejo de peixes de corpos alongados, saltando pelos costões rochosos e pelos recifes de corais, cavallinhas vorazes se alimentando de moluscos, anchovas azuladas, linguados achatados, merluzas prateadas, couraças e flechas de listras negras. À frente, homens com caudas de peixe e coroas com garras de crustáceos na cabeça sopravam instrumentos em forma de chifres.

Na Idade Média, numa época de pouca divulgação cultural ou científica, o povo inventava monstros e criaturas que viviam no mar. Na história atlântica de Portugal existem referências, vislumbres de animais reais e imaginários registrados nos famosos bestiários. Havia um naquela estante. Olhava com fascínio a figura do Leviatã, dragão que simbolizava o Mal, misto de ser-

penite e polvo, senhor do mar indomado. O hipogrifo com corpo de leão, cabeça e asas de água. Profusão de trombas, patas, tentáculos, cascos e barbatanas.

Rugiriam ainda gigantes dentro dessa concha rosada? Talvez. Réstias de seres do tamanho de ilhas que afundaram, ciclopes de um só olho no meio da testa, resquílios de plantas, impressões de corpos minerais. Nesse som imemorial não se distingue o possível do impossível. Tudo é incógnita e mito.

Lembro-me com emoção do dia em que vi o mar pela primeira vez. Foi na cidade de Santos. Sentada na areia, vieram à minha mente trechos do poema “Deus”, do romântico Casimiro de Abreu, que eu decorara na escola: “Era pequena, brincava na praia, o mar bramava, sacudia o dorso altivo. Perguntei à minha mãe: - Que orquestra, que furor, o que pode haver maior que o oceano e mais forte que o vento? Ela respondeu: - Um ser que nós não vemos, é maior que o mar e mais forte que o tufão. É Deus.” Meus olhos se encheram de lágrimas diante do mar, dessa força de amor e morte, de fluxo e refluxo, de eterno movimento das marés.

Mais tarde, quando me apaixonei pela poesia de Fernando Pessoa, em especial por “Mar Português”, do livro “Mensagem”, história das viagens de Portugal, entendi os delírios do meu avô: “O mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal”. Minha alma deseja passar pelo cabo Bojador, além da dor, além das circunstâncias, além do que vejo e sentir no mar o perigo, o abismo e o espelho do céu.

A concha em minhas mãos me pareceu de repente uma enorme orelha decepada. Interrompi a sintonia com forças estranhas e divinas. Guardei na estante de livros, entre flâmulas e troféus, a concha retirada do mar. O mar ficou gemendo dentro dela.

## POESIAS

A ALEMOA

Chiru rude do meu naipe,  
Criado xucro, a lo largo,  
Não entende, sem embargo,  
Muita ciência do viver.  
Sabe que é um campeiro,  
Que doma e boleia o laço,  
Que não conhece embarço  
E não refuga morrer.

Mas entende, a la puxa!  
Como se ama uma china.  
Parece que é sua sina  
Se marcar num grande amor.  
Seu coração alarife  
Se prende e nunca se solta,  
Vai e vem e jamais volta,  
Gosta de ser sofredor.

No tempo em que eu tropeava,  
Até me lembro do dia,  
Conheci uma guria  
De derrubar um cristão.  
Catarinense, olhos verdes,  
Caramba, nem conto nada,  
Fiquei de alma ajoujada,  
Nessa cria de alemão.

Descobri o gosto dela,  
Que alemoa bonita,  
Não era de muita fita,  
Queria rosa coral.  
Comprei um buquê de rosas  
E lhe dei, com muitos beijos.  
Misturamos os desejos,  
À moda tradicional.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

## OCASOS SANGUÍNEOS

Sangue nos horizontes. Disparate  
De um vermelho sanguíneo, impressionante.  
Sangue no chão dos campos de combate  
E na amplidão sem fim do céu distante.

Vejo um rubro esplendor a cada instante  
Cintilando na angústia que me abate.  
O sol é assim, batendo em meu semblante,  
Como um manto de púrpura, escarlate.

Tardes de outono ou de verão. Sozinho,  
Ante a extensão brutal do firmamento  
É que posso medir meu desalinho...

Tenho a impressão, quando olho esses céus rasos,  
Que as mãos de Jesus Cristo estão imersas  
No sudário de sangue dos ocasos.

ALTEVIR ALENCAR